

# APRESENTAÇÃO

## A ÁFRICA NA AULA DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES NO BRASIL E AMÉRICA LATINA

DOI: 10.5935/2177-6644.20190001

**Geyso Dongley Germinari**

**Danilo Ferreira da Fonseca**

*Organizadores do Dossiê*

O presente Dossiê é fruto do esforço coletivo gestado pelo Laboratório de Ensino de História (LEHIS) e do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NEER) vinculados ao Departamento de História (DEHIS) da UNICENTRO, campus Irati. A partir da coordenação de Geyso Germinari no LEHIS (entre 2017 e 2019) e da coordenação de Danilo Fonseca no NEER (entre 2017 e 2019), organizadores do Dossiê, buscamos publicitar discussões realizadas pelos laboratórios de maneira individual, mas também medidas e por ações acadêmicas que buscam a interdisciplinaridade ente os dois espaços de conhecimento, o que já foi concretizado em eventos e publicações.

Não podemos deixar de mencionar a parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da UNICENTRO que possibilitou a organização do Dossiê e também parte de seus contatos internacionais.

O Laboratório de Ensino de História da UNICENTRO, sob a coordenação do Professor Geyso Germinari buscou sistematicamente a reflexão acerca da relação entre a natureza do conhecimento histórico, a sua forma de produção e o ensino de tal saber, entendidos de maneira indissociáveis. Esta reflexão tem como principal base teórica a Educação Histórica e a Didática da História,

principalmente, a partir das tradições de pesquisa desenvolvidas respectivamente na Inglaterra e na Alemanha.

Já o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais, sob a coordenação do Professor Danilo Fonseca teve como principal foco a territorialidade africana e as experiências afrodescendentes no Brasil, ainda mais no que tange as influências do etnocentrismo na produção e difusão do conhecimento histórico. A partir de reflexões de intelectuais como o egípcio Samir Amin, o eurocentrismo é posto como um elemento fundante da concepção de história da sociedade ocidental, de modo a diminuir ou até ignorar as histórias africanas e afrodescendentes.

O ponto de encontro das reflexões propostas pelos laboratórios foi a temática que intitula o presente Dossiê: “A África na aula de história: experiências e possibilidades no Brasil e América Latina”.

O ensino da História da África e de afrodescendentes passou por diversas mudanças nas últimas décadas e tem como principal ponto de inflexão a lei 10.639 de 2003, promulgada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que em seu artigo 26 aponta que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” e também africana. É a partir de tal lei que a história africana e afrodescendente começa a conquistar mais espaços, deixando de ser uma história coadjuvante da história europeia, para adquirir um caráter mais protagonista.

No entanto, é a partir da reflexão teórica e da prática docente de milhares de professores que a temática busca atingir o seu merecido lugar na história, em que, apesar de já ter conquistado muito espaço, ainda possui enfrentamentos, em que segundo Torres e Jesus (2018, p. 13):

historicamente, a escola tem dificuldade de lidar com identidades forjadas em um contexto de diversidade, tratando-as de modo igualitário. Deste modo, dispositivos legais, como a Lei nº10639/2003 se chocam com as práticas racistas e com o mito da democracia racial, os quais se encontram vinculados ao tradicional processo de escolarização e no imaginário dos educadores/ cultura escolar/ livros didáticos. Isto interfere na construção das identidades dos negros, indígenas, ciganos, mulheres, homossexuais, transexuais entre outros grupos subalternizados<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> TORRES, Sirlei; JESUS, Leandro. A Lei nº 10.639/2003 e o currículo afrocentrado: desafios e possibilidades da educação para as relações étnico-raciais. **Pensando Áfricas e suas diásporas NEABI – UFOP**. Mariana/MG, v. 01, n. 01, p. 1-21, Jan./Jun., 2018.

O presente dossiê busca dar voz à possibilidade de ensino de História propostas na experiência do docente historiador. Nessa perspectiva, o professor Nilson Javier Ibagón Martín, da Universidad del Valle (Cali-Colômbia), apresenta um estudo acerca do lugar da História da África no currículo oficial da Colômbia, a partir da análise de conteúdos de ensino identifica dificuldades de conceituais, o silenciamento e a banalização da História da África na proposta curricular.

De modo semelhante, Gerson Buczenko, em “Ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar”, trata da presença do ensino de História e cultura afro-brasileira no currículo escolar brasileiro, por intermédio da reflexão acerca do modo como a questão é abordada na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em fase de implementação no país.

No artigo, “Ensino de história, África e Brasil: entre conceitos e estereotípias”, Ivaldo Marciano de França Lima, coloca no centro da sua reflexão estudos acerca dos modos de representação da África, e busca compreender como se reproduz as ideias estereotipadas a respeito do continente africano e construção dessas representações em sala de aula.

Em “Fela kuti e o ensino de história da África: pesquisa e prática docente”, as autoras Ana Paula Wagner e Mônica Cristina Pierre de Oliveira relatam uma experiência pedagógica de ensino de História que trabalhou um documentário sobre músico nigeriano Fela Kuti, cuja obra exalta a resistência, a luta e relevância das culturas africanas.

Danilo Ferreira da Fonseca e Jaqueline Kotlinski, no artigo “Ensino de história e história afrodescendente: oficinas com a coleção ‘negros e negras incríveis’” descrevem e analisam ações extensionistas do Núcleo de Estudos Étnico-raciais (NEER), do departamento de História de Irati da Unicentro, desenvolvidas com estudantes do ensino fundamental do Colégio Estadual João XXIII, no município de Irati-PR. A partir de imagens produzidas pelo desenhista Yorhán Araújo, as quais fazem parte do acervo do Arquivo Digital do Núcleo de Estudos Étnico Raciais (AD-NEER), foram utilizados em três oficinas propiciar uma maior visibilidade dos sujeitos históricos sujeitos afrodescendentes.

Por fim, o artigo “Historiografia e metodologia em história da África construindo o conhecimento no chão das escolas quilombolas”, de José Francisco

dos Santos, também relata uma experiência com a metodologia de ensino de oficina desenvolvida com educadores das comunidades quilombolas, que atuam na primeira fase do ensino fundamental. A oficina discutiu aspectos da historiografia e metodologia da História da África.

Boa Leitura!